18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

EDUCAÇÃO URBANÍSTICA E AMBIENTAL

Narrativas infantis sobre a percepção do território e dos espaços livres no trajeto casa-escola no Rio de Janeiro

ST2 – Paisagens e territórios

URBAN AND ENVIRONMENTAL EDUCATION

Children's narratives on the perception of territory and open spaces along the home–school journey in Rio de Janeiro

ROCHA, Luiz
Doutorando | UFRJ | Rio de Janeiro, RJ, Br | luiz.rocha@fau.ufrj.br | ORCID: 0000-0002-7735-8583

AZEVEDO, Giselle
Professora Adjunta | UFRJ | Rio de Janeiro, RJ, Br | gisellearteiro@fau.ufrj.br | ORCID: 0000-0001-6707-466X

RESUMO

As desigualdades socioespaciais nas cidades brasileiras se expressam de forma evidente no acesso e na qualidade dos espaços livres, especialmente em territórios vulneráveis. No Rio de Janeiro, essa condição se manifesta de maneira significativa no trajeto casa-escola no universo dos estudantes da rede pública municipal, onde a precariedade da infraestrutura urbana e a limitada presença de áreas verdes influenciam diretamente a experiência das crianças com o território. Nesse contexto, compreender como os estudantes percebem, interpretam e narram os espaços que percorrem diariamente torna-se fundamental para a leitura das relações entre infância, cidade e ambiente. A educação urbanística e ambiental se apresenta como uma abordagem capaz de ampliar a compreensão dessas relações, articulando práticas pedagógicas à leitura crítica do território. Esta pesquisa analisa o potencial dessas práticas na interpretação e ressignificação dos espaços livres a partir das narrativas infantis, com ênfase nos percursos entre casa e escola. A metodologia adotada investigou a percepção infantil sobre o território urbano, considerando o trajeto cotidiano dos estudantes e sua relação com os espaços livres e as áreas verdes. Os resultados indicam que a educação urbanística e ambiental contribui para o fortalecimento da percepção territorial das crianças, ampliando sua capacidade de identificar, interpretar e problematizar as condições dos espaços livres no cotidiano. Evidenciam, ainda, que tais práticas favorecem a construção de uma consciência crítica sobre as desigualdades socioespaciais, apontando para a relevância da escola como espaço de mediação entre infância, território e cidade.

Palavras-chave: Educação Urbanística e Ambiental, Percepção Infantil, Resiliência Climática, Justiça Socioambiental.

ABSTRACT

Socio-spatial inequalities in Brazilian cities are clearly expressed in the access to and quality of open spaces, particularly in vulnerable territories. In Rio de Janeiro, this condition manifests significantly in the home–school journeys of students in the municipal public school system, where precarious urban infrastructure and the limited presence of green areas directly influence children's experiences of the territory. In this context, understanding how students perceive, interpret, and narrate the spaces they traverse daily becomes essential for examining the relationships between childhood, the city, and the environment. Urban and environmental education emerges as an approach capable of broadening the understanding of these relationships by articulating pedagogical practices with a critical reading of the territory. This research analyzes the potential of such practices in the interpretation and resignification of open spaces through children's narratives, with emphasis on home–school routes. The adopted methodology investigated children's perception of the urban territory, considering their daily journeys and their relationship with open spaces and green areas. The results indicate that urban and environmental education contributes to strengthening children's territorial perception, expanding their ability to identify, interpret, and critically engage with the conditions of open spaces in everyday life. They also demonstrate that such practices foster the development of a critical awareness of socio-spatial inequalities, highlighting the relevance of the school as a mediating space between childhood, territory, and the city.

Keywords: *Urban and Environmental Education, Children's Perception, Climate Resilience, Socio-environmental Justice.*

1 INTRODUÇÃO

A atualidade mostra a necessidade de ampliar a compreensão sobre como crianças percebem, utilizam e ressignificam os espaços livres que compõem seu cotidiano, devido à complexidade das dinâmicas e das relações urbanas existentes. Nesse contexto, o trajeto entre a casa e a escola assume papel central como experiência territorial dos estudantes, no qual se apresentam vivências sensoriais, práticas espaciais, afetos e processos de construção de sentido sobre a cidade (Lynch, 1997).

No município do Rio de Janeiro, embora existam políticas públicas voltadas à melhoria da qualidade da relação entre educação e cidade, persistem desigualdades significativas na qualidade dos espaços livres acessíveis às crianças, tanto ao longo de seus deslocamentos cotidianos quanto no ambiente escolar. Em muitos casos, os espaços livres escolares apresentam caráter residual, com baixa qualidade espacial e pouco planejamento paisagístico. Essa condição se intensifica em territórios marcados por vulnerabilidade socioespacial, onde o acesso a ambientes urbanos mais qualificados é limitado, impactando diretamente as experiências cotidianas das crianças e suas formas de apropriação do espaço (ALANA, 2024).

O presente artigo parte da investigação sobre como crianças de escolas municipais do Rio de Janeiro percebem e narram o território no trajeto casa–escola, tomando a Educação Urbanística e Ambiental (EDURBAMB) como campo de mediação e aprimoramento da consciência territorial infantil. A análise que aqui se apresenta se divide em duas frentes que se complementam. A primeira busca compreender como os espaços livres são identificados, utilizados e ressignificados ao longo desses percursos cotidianos. A segunda examina de que maneira essas experiências contribuem para a construção da percepção territorial das crianças, considerando as escalas da escola, do bairro e da cidade. A partir disso, propõe-se uma reflexão sobre o papel da escola como mediadora na formação de leituras urbanas sensíveis e situadas, reconhecendo o potencial dessas práticas na ampliação do repertório espacial infantil e na problematização das desigualdades presentes no território.

A pesquisa em tela busca oferecer subsídios para o aprimoramento de políticas públicas voltadas à melhoria dos espaços livres urbanos, à implementação de uma educação que amplie a compreensão infantil sobre sua relação com a cidade e à ampliação do acesso a ambientes mais sensíveis e significativos no cotidiano. Nesse contexto, um de seus pilares fundamentais reside na inserção dessas práticas no âmbito da comunidade escolar, atuando na mediação entre infância, território e cidade e incorporando o estudante como sujeito ativo no planejamento de uma cidade mais acessível e justa. A partir dessa perspectiva, este trabalho busca fortalecer o potencial da EDURBAMB como ferramenta de ensino e de mobilização do olhar e do afeto infantil sobre o território e a experiência urbana.

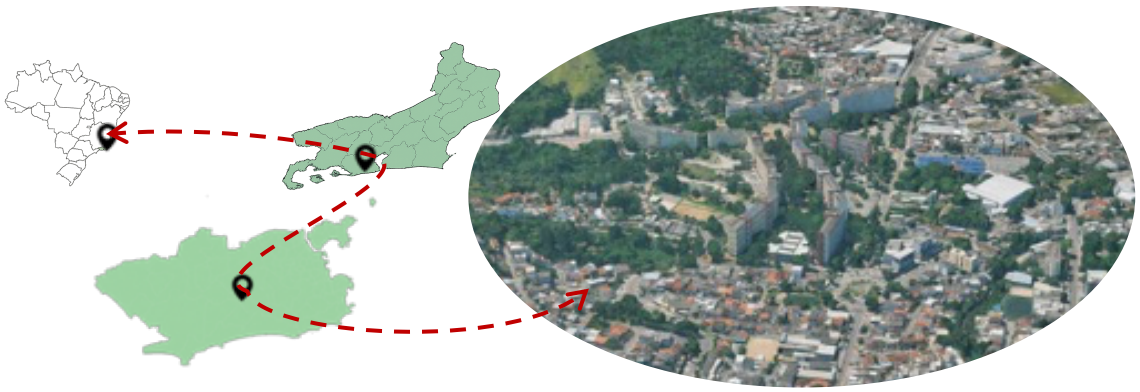
A metodologia adotada baseia-se no Mapeamento Afetivo da cidade do Rio de Janeiro (MACRJ), desenvolvido pelos grupos Ambiente e Educação (GAE), Sistemas de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL/RJ), Projeto e Representação do Ambiente (PROAMB) e Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA), vinculados à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), realizado em 2022. Trata-se de uma ferramenta de caráter participativo, estruturada a partir da escuta de estudantes do ensino básico da rede municipal, envolvendo crianças e jovens entre 6 e 15 anos.

A proposta centra-se na valorização das experiências cotidianas desses sujeitos, considerando seus deslocamentos, percepções e vínculos com o território como insumos legítimos para a

leitura urbana. Por meio do uso de instrumentos como mapas mentais, registros gráficos e narrativas, a metodologia permite identificar relações de pertencimento, conflitos, ausências e potencialidades nos espaços vivenciados, com ênfase no trajeto casa-escola. Ao incorporar essas dimensões, o MACRJ amplia o campo de análise ao integrar aspectos subjetivos, sensoriais e socioespaciais, contribuindo para práticas de planejamento urbano mais inclusivas e sensíveis às realidades locais, especialmente a partir da perspectiva infantil.

Paralelamente a esse panorama, o trabalho utilizou os resultados do aprofundamento do MACRJ, realizado em 2024, por meio de oficinas aplicadas na Escola Municipal Rosa do Povo, vinculada à 7ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), localizada no bairro da Taquara, na zona oeste do município do Rio de Janeiro, região marcada por desigualdades sociais, segregação territorial e baixo engajamento com os recursos naturais (Figura 1).

Figura 1: Mapa de localização com recorte territorial



Fonte: Adaptado pelo autor de GoogleEarth, 2025.

As oficinas envolveram práticas pedagógicas voltadas à captação da percepção dos estudantes sobre o espaço urbano, com ênfase em seu cotidiano, nos percursos entre casa e escola e nas relações estabelecidas com o bairro, a cidade e o acesso à natureza. Além disso, permitiram compreender as práticas de educação urbanística e ambiental em desenvolvimento, bem como sua aplicação no contexto escolar

A abordagem conceitual da pesquisa traçou paralelos e estabeleceu conexões entre a EDURBAMB nas escolas e sua capacidade de contribuir para o fortalecimento dos vínculos entre escola, cidade, comunidade local e o meio ambiente. Além disso, essa perspectiva favorece a construção da noção de urbanidade e amplia a percepção ambiental dos estudantes sobre o território que habitam. Para fundamentar essa análise, são mobilizados conceitos como percepção ambiental, território educativo, urbanidade, justiça socioespacial e a própria conceituação da EDURBAMB (Ferraro; Azevedo, 2023; Azevedo, 2024; Ferraro, 2025; Filip; Filip,

2018; Braubach et al., 2021; UNESCO, 2024; Harvey, 2008; Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil, 2022).

Os resultados desta pesquisa indicam que as crianças desenvolvem uma percepção aguçada sobre os elementos que compõem seu cotidiano, sendo capazes de identificar, interpretar e atribuir sentido aos espaços livres presentes no trajeto casa–escola. As narrativas infantis revelam uma leitura sensível e situada do território, na qual aspectos materiais, afetivos e simbólicos se articulam na construção de significados sobre a cidade. Ao mesmo tempo, os dados evidenciam a presença de desigualdades na qualidade e no acesso aos espaços livres, especialmente em territórios marcados por maior vulnerabilidade socioespacial. Nesse contexto, observa-se que a escola atua como espaço de mediação dessas experiências, potencializando a capacidade das crianças de reconhecer e problematizar as condições do ambiente urbano em seu cotidiano, sendo a EDURBAMB um elemento que reforça e qualifica esse processo.

2 EDUCAÇÃO URBANÍSTICA E AMBIENTAL

A EDURBAMB surge como uma alternativa para ampliar a percepção ambiental, colocando os estudantes no centro das decisões e reconhecendo sua capacidade de contribuir coletivamente para a melhora da qualidade dos espaços livres da cidade. No Brasil, esse conceito teve sua origem no programa concebido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR). Desde 2018, o programa CAU Educa busca desenvolver e implementar no ensino fundamental de escolas municipais em diversas unidades federativas. Sua base metodológica fundamenta-se na troca de saberes e experiências, estabelecendo uma rede colaborativa que conecta a comunidade científica ao ambiente escolar. Essa articulação visa promover uma formação crítica, territorialmente situada e sensível às realidades socioespaciais dos estudantes.

Para facilitar a implementação e oferecer suporte temático à EDURBAMB, o CAU/BR desenvolveu o Caderno CAU Educa (2022). Essa publicação visa uniformizar diretrizes, ampliar o alcance do programa e orientar educadores na abordagem dos conteúdos. A EDURBAMB constitui um programa educacional de caráter transversal, podendo ser difundida por meio da educação formal, não formal e informal (Ferraro; Azevedo, 2023). Por articular-se à relação entre os sujeitos e os ambientes físicos que habitam, essa abordagem muitas vezes se entrelaça com outras disciplinas que tratam do meio ambiente e da sustentabilidade, como a educação ambiental. No entanto, distingue-se por sua ênfase na dimensão urbana, no planejamento participativo e na construção do espaço como prática social e cidadã.

A EDURBAMB, ao dialogar com metodologias ativas, torna-se interligada a novas formas de abordagem pedagógica, apresentando certa flexibilidade, já que utiliza diversos dispositivos para alcançar seus objetivos, como passeios guiados, jogos, cartografias, mapas mentais, maquetes, entre outros. Assim, caracteriza-se por sua multidisciplinaridade. Seu objetivo principal é a construção do conhecimento dentro de um processo coletivo e participativo.

Somado a isso, para o aprofundamento dos questionamentos que regem esta pesquisa, foi necessário traçar alguns paralelos e estabelecer relações de causalidade entre os possíveis efeitos na percepção ambiental dos estudantes e a EDURBAMB. Para isso, seguiu-se o questionamento acerca da sua capacidade em estruturar lições urbanísticas, refletindo nas relações espaciais dos estudantes. A EDURBAMB mostrou estar amplamente ancorada na

percepção ambiental infantil, ou seja, em como o estudante vê e sente a cidade em seu entorno. A experiência da EDURBAMB revela que os estudantes possuem uma visão prévia sobre as problemáticas relacionadas aos seus trajetos, à sua cultura e à infraestrutura urbana, que passa a ser refinada e articulada com outras práticas pedagógicas presentes na abordagem da EDURBAMB nas escolas.

Paralelamente à aplicação EDURBAMB, a realidade das escolas municipais do Rio de Janeiro revela uma significativa desigualdade na qualidade dos espaços livres no entorno das escolas municipais. Essa desigualdade decorre da oferta extremamente desigual de infraestrutura na cidade. Uma pesquisa realizada pelo Instituto Alana (2024) evidenciou que a segregação socioespacial no território carioca intensificou essa disparidade, especialmente porque, nas favelas e comunidades urbanas, as escolas possuem menor quantidade de espaços livres em seus terrenos.

A EDURBAMB amplia a compreensão de que a escola constitui um elemento fundamental na relação entre bairro e cidade, ao atuar como mediadora das experiências infantis. Nesse sentido, configura-se como uma porta de entrada para o desenvolvimento de uma percepção mais sensível e articulada das diferentes escalas que compõem o espaço urbano, ao favorecer processos de leitura e interpretação do território a partir da vivência cotidiana das crianças (Compiani, 2015; Lynch, 1997; Tuan, 1977).

Uma das possibilidades criadas pela implementação da EDURBAMB nas escolas é a atuação direta na democratização do acesso a cidade. Essa atuação vai além da simples adaptação das estruturas físicas das escolas e da comunidade à nova realidade climática, pois também promove a conscientização dos estudantes, integrando e difundindo saberes de forma a refletir e engajar toda a comunidade local, incentivando sua participação ativa.

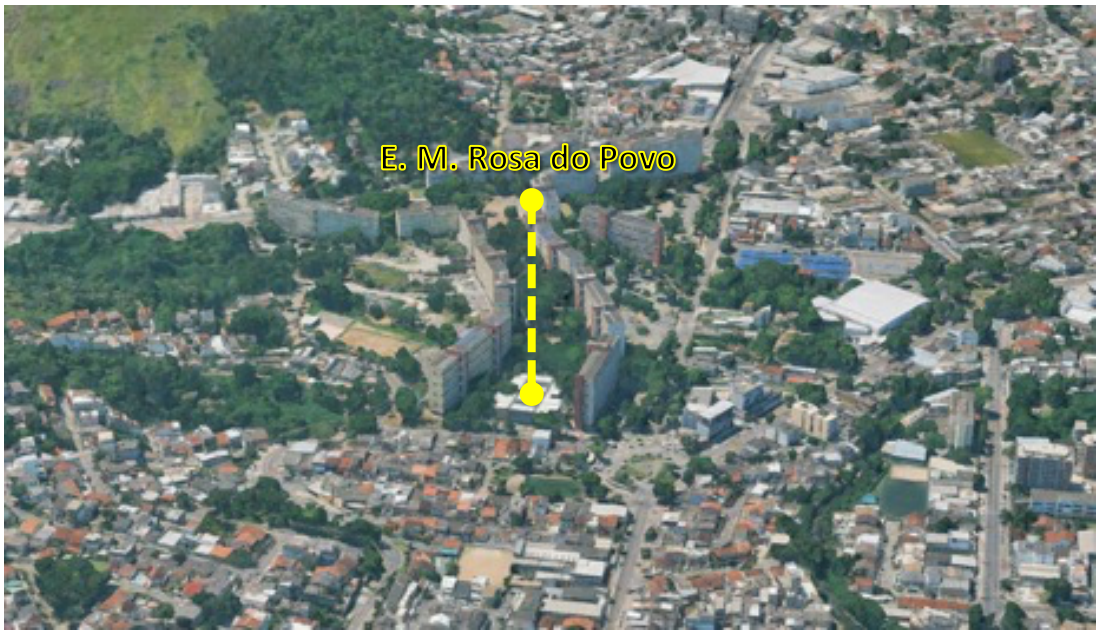
Sterling (2010) afirma que essa abordagem enriquece a capacidade de lidar com cenários inesperados e incertos, ao trazer fatos e auxiliar na mudança de perspectiva individual. Por outro lado, a EDURBAMB, ao adotar a abordagem participativa, cria um espaço que une a mudança de perspectiva individual com a reflexão coletiva, configurando-se como a melhor estratégia para enfrentar a mudança climática e seus efeitos.

3 ESCOLA MUNICIPAL ROSA DO POVO

A Escola Municipal Rosa do Povo foi selecionada para a realização das oficinas de aprofundamento do MACRJ, conhecidas como oficinas de EDURBAMB, que fazem parte do projeto de pesquisa Mapeamento Afetivo dos Territórios Educativos do Rio de Janeiro: Interlocuções e Redes Alinhadas aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, sob coordenação da professora doutora Giselle Azevedo. Essa escola foi escolhida devido à sua relação diversificada com o território, as paisagens e a morfologia urbana, uma relação que se torna ainda mais dinâmica quando observada a partir da perspectiva dos moradores.

A unidade educacional fica situada no bairro da Taquara, um dos bairros que compõem a região de Jacarepaguá, localizada na zona sudoeste do município do Rio de Janeiro. O bairro da Taquara possui uma área aproximada de 13 km² e conta com cerca de 107.000 habitantes (IBGE, 2021). Caracteriza-se pela predominância do uso residencial, além de apresentar centralidades comerciais que conferem certa autonomia ao bairro em relação a outras centralidades da cidade. O bairro também é um importante corredor em direção à Barra da Tijuca (Figura 2).

Figura 2: Visão aérea do entorno da Escola municipal Rosa do Povo



Fonte: Adaptado pelo autor de GoogleEarth, 2025.

O bairro da Taquara apresenta proximidade com o Parque Estadual da Pedra Branca, uma das características marcantes de sua morfologia urbana. Além de possuir um importante marco histórico e cultural, a Fazenda da Taquara, que pertencia ao Barão da Taquara e teve seu tombamento realizado em 1938. Atualmente, abriga o Museu Bispo do Rosário e o Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira. Outro ponto importante a destacar é que a relação do bairro com seus corpos hídricos, muitos deles canalizados, é limitada, embora esses recursos frequentemente sofram com o despejo irregular de detritos, o que contribui para problemas recorrentes de alagamentos.

O entorno da unidade educacional está inserido em uma área que reflete os desafios ambientais contemporâneos, impactando a qualidade do ambiente e a vivência dos moradores locais. Suas ruas são largas, com calçamento e asfaltamento em bom estado de conservação. As calçadas apresentam conservação variável: em determinados trechos mostram-se ineficientes, enquanto em outros estão em melhores condições. Predominantemente residencial, o entorno conta com alguns marcos comerciais frequentemente identificados pelos moradores e estudantes, como uma galeria comercial e um supermercado. A rua da escola conecta-se a uma rotatória que distribui o fluxo viário em direção a outras porções do bairro. Essa rotatória abriga a Praça Jauru, a qual dispõe de poucos equipamentos públicos destinados à contemplação e ao lazer infantil (Figura 3).

Figura 3: Conjunto de fotos da Praça Jauru, no bairro da Taquara.



Fonte: GoogleMaps, 2025.

4 MÉTODOS E PESQUISAR COM

A metodologia utilizada nesta pesquisa divide-se em dois pilares: a construção conjunta de dados entre pesquisadores e estudantes, e a fase posterior de análise desses dados. O primeiro consiste no conjunto de oficinas de EDURBAMB realizadas na Escola Municipal Rosa do Povo, entre os dias 3 e 24 de maio de 2024. O segundo refere-se à sistematização e à interpretação dos dados obtidos na primeira etapa. Durante essas oficinas, foram desenvolvidas atividades que possibilitaram compreender a percepção dos estudantes sobre o seu habitar cotidiano, incluindo o percurso casa-escola e aspectos relacionados ao acesso às áreas verdes, ao bairro e à cidade.

A proposta metodológica apresentada nas oficinas consiste no PESQUISAR COM os estudantes, metodologia criada e adotada nas pesquisas desenvolvidas pelo GAE, na qual os pesquisadores buscam compreender as percepções dos estudantes por meio de uma construção coletiva de dados. Nessa abordagem, pesquisadores e estudantes atuaram de forma conjunta em cada dia de oficina. Os procedimentos foram organizados em diferentes etapas, distribuídas em seis encontros semanais, contemplando desde a aproximação inicial até o aprofundamento do conhecimento, o desenvolvimento da percepção crítica e a proposição de soluções urbanas pelos estudantes.

A etapa inicial consistiu na aproximação dos pesquisadores com os estudantes da turma selecionada para o aprofundamento do MACRJ. Para tanto, escolheu-se uma das turmas do 5º ano da unidade escolar Rosa do Povo. Tratou-se de um processo de familiarização com o projeto, no qual foram apresentados os fundamentos das oficinas e esclarecido aos estudantes o que poderiam esperar das atividades. Nesse mesmo dia, os estudantes foram orientados a preencher os formulários individuais, nas quais deveriam responder a duas questões utilizando desenhos ou textos. A primeira questão buscava compreender como era o trajeto realizado pelo estudante entre sua casa e a escola, devendo descrever o que viam, ouviam e sentiam ao longo desse percurso. Já a segunda questão propunha que os estudantes descrevessem o que gostariam de vivenciar nesse trajeto, considerando tanto o contexto afetivo quanto o urbano, com ênfase na distinção entre percepções e desejos (figura 4).

Figura 4: Primeiro dia de oficina de EDURBAMB.



Fonte: Acervo GAE, 2024.

Nas semanas seguintes, ocorreram as demais etapas estipuladas pela metodologia. O primeiro dia consistiu na introdução ao ofício do arquiteto e urbanista, na qual se estimulou a percepção dos estudantes sobre os espaços vivenciados no âmbito doméstico e as diferentes escalas urbanas que os rodeiam, conectando o ambiente inicial, a sala de aula, às escalas do bairro e da cidade. A etapa seguinte, denominada Mapear, consistiu no reconhecimento do território local e no aprofundamento da visão espacial dos estudantes no contexto urbano, evidenciando a sua relação com o bairro, os equipamentos urbanos e a infraestrutura, ampliando o senso de pertencimento. A terceira etapa foi dedicada ao reconhecimento das problemáticas locais, destacando tanto aspectos positivos quanto os desafios enfrentados, de modo a estimular a crítica construtiva dos estudantes. Por fim, a última etapa teve como foco a construção participativa e coletiva, trabalhando com a concepção de soluções para as problemáticas diagnosticadas nas etapas anteriores.

As atividades foram encerradas com uma Feira de Arquitetura e Urbanismo, que funcionou como um espaço de devolutiva e socialização dos conhecimentos, consolidando o aprendizado e a participação coletiva. As demais turmas do 5º ano também foram convidadas a participar das atividades, que contaram com a presença de outros grupos de pesquisa parceiros do GAE, como o Sistemas de Espaços Livres do Rio de Janeiro (SEL/RJ), o Projeto e Representação do Ambiente (PROAMB) e o Laboratório de Narrativas em Arquitetura (LANA), os quais desenvolveram atividades diversificadas com foco em suas pesquisas que se relacionam com o sistema de espaços livres, paisagem sonora, Patrimônio, à educação e às infâncias. Cada grupo foi responsável pela condução das atividades temáticas em quatro estações, pelas quais os alunos circulavam em sentido horário, passando de uma estação para outra. Ao final, os

estudantes apresentaram os resultados, compartilhando coletivamente o que cada grupo aprendeu ao longo do dia (Figura 5).

Figura 5: Feira de arquitetura e urbanismo na Escola municipal Rosa do Povo.



Fonte: Acervo GAE, 2024.

O segundo pilar metodológico deste trabalho iniciou-se com a análise e sistematização dos dados produzidos coletivamente, adotando a metodologia previamente aplicada pelo GAE em 2020 e aperfeiçoada em 2022 na análise dos formulários preenchidos pelos estudantes municipais no MACRJ. Cabe ressaltar que, nas referidas edições do MACRJ, a demanda e o número de estudantes participantes foram significativamente maiores, abrangendo toda a Cidade do Rio de Janeiro. Dessa forma, foram realizados os devidos ajustes para adequar esta análise às particularidades e à escala da amostra coletada nas oficinas da Escola Municipal Rosa do Povo.

O levantamento desses formulários identificou um padrão de análise composto por 12 categorias: aspectos urbanísticos e infraestrutura; equipamentos; comércio, serviços e indústria; espaços livres e áreas verdes; acessibilidade; mobilidade; mudança climática; conforto ambiental e saúde; conforto afetivo e cognitivo; recreação e lazer; segurança e violência; e aspectos sociais, econômicos e culturais. Neste sentido, a análise dos resultados coletados simplificou e reduziu o número de categorias urbanísticas, permitindo a identificação de elementos-chave capazes de formar categorias gerais que relacionam a representação figurativa infantil a aspectos do cotidiano urbano, como espaços públicos, áreas de lazer e elementos da natureza. Em seguida, destacou-se o significado de cada desenho, correlacionando o contexto retratado com os usos potenciais e as apropriações do espaço urbano. Para melhor organização dos achados, as categorias desejos e percepções foram agrupadas para facilitar a análise geral, não sendo analisadas como categorias distintas.

Para aprofundar a análise central deste trabalho, foi examinado o material produzido pelos estudantes no último dia de oficinas. O foco da atividade era buscar soluções para os problemas

da cidade previamente identificados nos primeiros formulários, elaborados antes da realização das oficinas. Nessa etapa, os estudantes foram orientados a construir um paralelo entre os agentes e as ações responsáveis pelos problemas levantados, vislumbrando possíveis soluções e reconhecendo os agentes sociais responsáveis pela mudança e pela adoção de novos padrões e políticas públicas. Os painéis finais continham quatro questionamentos: qual seria o problema; por que ele acontecia; como resolvê-lo; e quem estaria envolvido nas soluções. Com esses resultados, este último procedimento desta pesquisa teve como objetivo verificar os possíveis impactos da EDURBAMB na percepção das crianças, partindo da premissa de que, neste momento final, os estudantes seriam capazes de identificar padrões de comportamento, formas de ocupação e soluções para os problemas observados em seus percursos entre a casa e a escola, buscando compreender de que maneira a EDURBAMB poderia contribuir para o fortalecimento da resiliência climática no contexto da educação básica.

5 RESULTADOS

Os resultados evidenciaram o efeito positivo das oficinas de EDURBAMB na conscientização, na percepção ambiental e na identificação dos elementos morfológicos da relação bairro-cidade, além de ratificarem a desigualdade no acesso às áreas verdes e a necessidade de melhorias na infraestrutura da cidade.

A abordagem metodológica priorizou o desenvolvimento de categorias que representassem, de forma precisa, os elementos recorrentes nas representações gráficas elaboradas pelos estudantes. Embora a estrutura metodológica do GAE, SEL-RJ e PROAMB no MACRJ de 2020 tenha servido como referência preliminar, neste trabalho optou-se pela elaboração de um novo conjunto de categorias temáticas. Tais categorias são: conservação da malha urbana, segurança pública, espaços verdes, corpos hídricos e cultura local. A abordagem metodológica priorizou o desenvolvimento de categorias que representassem de forma precisa os elementos recorrentes nas representações gráficas elaboradas pelos estudantes.

5.1 Categorias identificadas

As categorias identificadas se dividem entre desejos e percepções. Desejos: conservação da malha urbana: melhoria na qualidade da pavimentação, na manutenção de estruturas e patrimônios públicos e privilegiando os pedestres. Segurança pública: melhoria na sinalização viária e na segurança da comunidade. Espaços verdes: desejos por melhoria nos sistemas de espaços livres, áreas verdes e de lazer. Corpos hídricos: Melhoria na relação com os corpos hídricos, melhora no tratamento e no saneamento básico. Cultura local: melhora no relacionamento entre os percursos e os marcos culturais do bairro.

Percepções: conservação da malha urbana: vias locais marcadas pela baixa qualidade da pavimentação com presença de buracos que afetam o percurso diário. Segurança pública: Receio nas travessias e uso de espaços de lazer, além da vulnerabilidade dos estudantes para transitar no bairro. Espaços verdes: Impressões de que o verde está invadindo o espaço urbano, não sendo visto como um elemento natural, mas o baixo cuidado na manutenção da cidade. Espaços verdes: Percepção de que possuem poucos espaços verdes, os existentes são precários e mal-cuidados. Corpos hídricos: Os rios são vistos como ponto de descarte de lixo e esgoto.

Cultura local: Apreço pelos marcos comerciais e de paisagem do bairro, grande valorização dos pontos referenciais do bairro.

5.2 Análise gráfica geral

A análise gráfica geral dos formulários, analisa o contexto dos desenhos, considerando os desenhos e textos das duas questões dirigidas aos estudantes, onde a conservação da infraestrutura da malha urbana mostrou-se uma preocupação relevante entre os estudantes. A maioria dos desenhos analisados revela o olhar atento dos participantes para as vias, evidenciando problemas e denunciando a falta de manutenção, como irregularidades no pavimento, trechos precários, fissuras e crateras. Outro ponto de destaque foi a percepção das dificuldades enfrentadas pelos pedestres, indicando que os trajetos cotidianos realizados pelos estudantes até a escola são marcados por uma série de obstáculos (figura 6).

Figura 6: Desenho de estudante na análise da infraestrutura urbana.

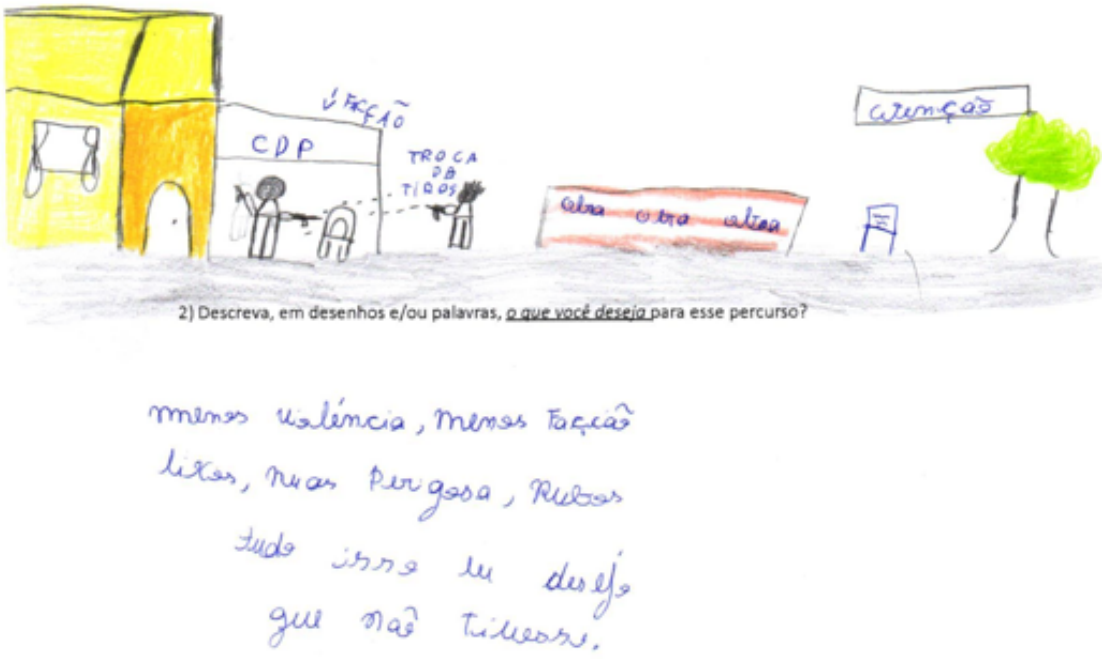


Fonte: Acervo GAE, 2024.

Esses problemas indicam que a percepção ambiental infantil é capaz de reconhecer o déficit na manutenção da infraestrutura urbana, evidenciando as dificuldades enfrentadas no trajeto entre a escola e a casa e reforçando a necessidade de políticas públicas voltadas para essa questão. A sinalização viária surge como um elemento deficitário: os desenhos denunciam sua ausência e revelam a dificuldade no cumprimento das normas de trânsito por parte dos motoristas locais. As representações demonstram a necessidade de conservação das faixas de pedestres, semáforos, lombadas e do respeito aos limites de velocidade, evidenciando a vulnerabilidade a que esses estudantes estão expostos.

Dentre as temáticas presentes nos formulários dos alunos, a segurança pública destacou-se como um tema dominante. Ela foi representada de forma direta e indireta, aparecendo em desenhos que a conectam com diversas situações do cotidiano, como o medo de atropelamentos, assaltos e tiroteios. Observam-se, inclusive, pedidos de paz e conciliação entre os agentes estatais e os comandos do tráfico que atuam nas comunidades do entorno. A escola é retratada como um espaço de proteção, sendo concebida como um refúgio que ampara os estudantes tanto do ponto de vista físico quanto subjetivo (figura 7).

Figura 7: Conjunto de desenhos de estudantes na análise da segurança pública.



Fonte: Acervo GAE, 2024.

Os espaços verdes aparecem como um paradoxo, revelando uma dualidade na forma como as crianças se relacionam com os elementos da natureza. Os registros gráficos indicaram que parte dos estudantes associa as áreas verdes a aspectos negativos, frequentemente vinculados ao acúmulo de lixo, abandono, negligência ou à falta de manutenção por parte do poder público. No entanto, os desenhos também expressam o desejo de que esses espaços sejam

intencionalmente planejados, com vistas a proporcionar lazer, contato com a natureza e contribuir para a mitigação dos impactos das ações antrópicas nas cidades (Figura 8).

Figura 8: Conjunto de desenhos de estudantes na análise dos espaços verdes.



Fonte: Acervo GAE, 2024.

Os corpos hídricos e a gestão do descarte de resíduos sólidos também surgem como uma categoria frequentemente incorporada, de forma direta ou indireta, nos desenhos e nas palavras dos estudantes. A preocupação expressa por eles desdobra-se na necessidade de conscientização da população e na melhoria da infraestrutura de saneamento básico. A capacidade de representar esses elementos evidencia a percepção da importância de ampliar a resiliência urbana, especialmente no que diz respeito à infraestrutura relacionada às águas e à sua capacidade de enfrentar transtornos decorrentes de eventos extremos. No entanto,

observou-se pouca representação da relação entre os rios e córregos que cortam o entorno da escola (Figura 9).

Figura 9: Desenho de estudante na análise dos corpos hídricos.



Fonte: Acervo GAE, 2024.

A cultura local pode ser identificada como uma categoria que expressa diretamente o relacionamento dos estudantes com o bairro. A maioria dos desenhos ilustrou marcos da paisagem local, incluindo pontos de referência presentes nos percursos diários entre a casa e a escola. O comércio, a apropriação popular de espaços coletivos e a violência urbana aparecem como elementos que compõem o repertório cultural e influenciam a forma como os estudantes se relacionam no âmbito coletivo. A apropriação retratada nos desenhos reflete a maneira como os estudantes interagem com o espaço construído, o que representa uma marca significativa da cultura local, também construída e fortalecida nos espaços educativos (Figuras 10 e 11).

Figura 10: Desenho de estudante na análise dos corpos hídricos.



Fonte: Acervo GAE, 2024.

Figura 11: Conjunto de desenhos de estudantes na análise da cultura local.

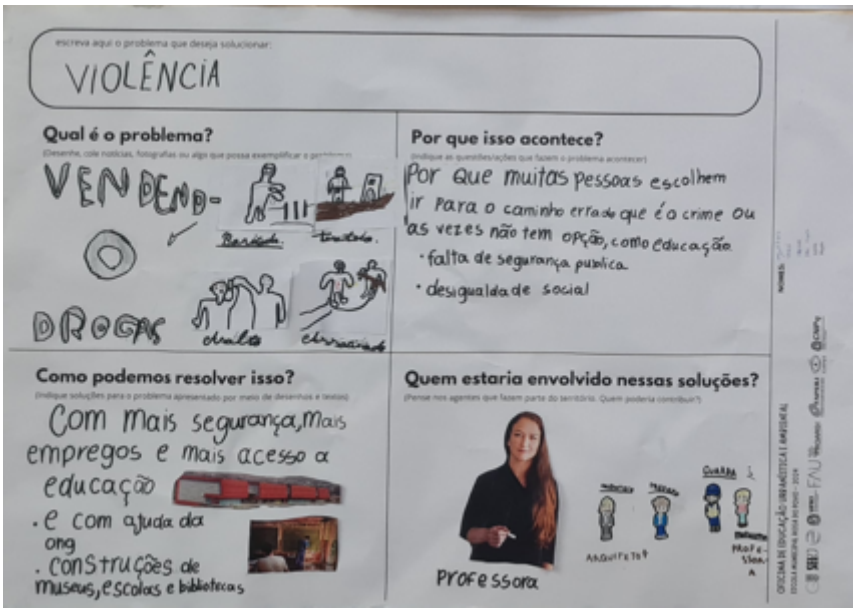


Fonte: Acervo GAE, 2024.

O último trabalho produzido em sala conjuntamente com os pesquisadores consistiu na identificação de problemas já mapeados anteriormente, identificando a razão desses problemas acontecerem, como poderíamos resolvê-los propondo soluções e por último quem seriam os atores sociais responsáveis por isso. Um ponto importante identificado considerando os registros gráficos apresentados antes e no último dia nesta pesquisa, foi evidenciado que, mesmo antes da realização das oficinas de EDURBAMB, os estudantes já apresentavam uma percepção ambiental formada a partir dos conhecimentos adquiridos nas diversas esferas sociais. Além disso, outras práticas pedagógicas de educação ambiental previamente realizadas contribuíram para influenciar e refinar a percepção urbanística e ambiental dos estudantes, especialmente na relação que estabelecem entre o bairro e a cidade.

Novamente as mesmas categorias identificadas no primeiro momento foram relatadas pelos estudantes. Os problemas destacados pelos estudantes incluem o descarte irregular de lixo, a poluição dos corpos hídricos e a segurança pública, os estudantes foram capazes de identificar que o ser humano é o maior agente causador de ações antrópicas que agridem o meio ambiente, evidenciando a ausência de políticas públicas de fomento à educação em comunidades menos favorecidas, onde a ausência de segurança pública e a desigualdade social. Na ultima etapa, os estudantes mostraram e consideraram o vínculo de responsabilidade que o ser humano tem tanto nas suas ações como na escolha de agentes públicos mais engajados com soluções para a problemática diária (Figura 12).

Figura 12: Painel com análise de um dos grupos de estudantes no último dia de oficinas



Fonte: Acervo GAE, 2024.

6 DISCUSSÃO GERAL

Os resultados desta pesquisa evidenciam que a percepção dos estudantes, capturada através do aprofundamento do MACRJ, reflete as desigualdades territoriais encontradas no acesso aos espaços verdes e na qualidade da infraestrutura urbana. Essa constatação corrobora o conceito de justiça socioespacial apresentado por Harvey (2008), ao denunciar como a organização do espaço urbano reproduz desigualdades sociais. A leitura crítica realizada pelos estudantes durante as oficinas também se alinha à perspectiva de Lefebvre (1991) sobre o direito à cidade, revelando que, mesmo em idades iniciais, há consciência sobre a precarização de determinados territórios e sua relação direta com a exclusão social.

As fichas coletadas durante as oficinas retrataram um cenário no qual as percepções ambientais dos estudantes se articulam a questões como conservação da malha urbana, segurança pública, espaços verdes, corpos hídricos e cultura local. Esses registros expressam vivências cotidianas e afetividades, permitindo identificar problemas estruturais e desejos que orientam a relação entre as crianças, o bairro e a cidade.

A EDURBAMB demonstrou capacidade de aprofundar essa leitura territorial, atuando como ferramenta pedagógica capaz de ampliar o senso crítico e a autonomia cidadã. As oficinas possibilitaram aos estudantes uma expansão da percepção espacial, conectando experiências locais ao entendimento de processos urbanos mais amplos. Esse processo formativo contribui diretamente para o fortalecimento da resiliência socioambiental, em sintonia com a abordagem de Davoudi (2012), ao tratar a resiliência como mecanismo essencial para a promoção da justiça ambiental. Do ponto de vista educativo, a prática dialoga com as premissas estabelecidas por Sterling (2010), ao oferecer experiências pedagógicas que desenvolvem competências relacionadas à adaptação, participação comunitária e transformação da realidade local.

Observou-se que, mesmo antes das oficinas, os estudantes já apresentavam percepções estruturadas sobre as condições ambientais do entorno, influenciadas por saberes adquiridos em múltiplas esferas sociais e em práticas pedagógicas prévias de educação ambiental. Contudo, a EDURBAMB apresentou diferencial ao provocar uma ampliação crítica da percepção, especialmente na leitura da relação entre bairro, cidade e natureza.

Diante desses achados, recomenda-se que a EDURBAMB seja institucionalizada nas redes públicas e privadas de ensino, incorporando-se de maneira transversal ao currículo escolar. Defende-se, ainda, sua adoção como instrumento complementar no planejamento urbano participativo, promovendo maior articulação entre escola, cidade e comunidade. Sua aplicação deve seguir as diretrizes estabelecidas pelo CAU-BR, fortalecendo a resiliência climática, a redução das desigualdades territoriais e a formação de sujeitos mais conscientes e participativos na construção de cidades justas e sustentáveis.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados desta pesquisa confirmam o papel estratégico da EDURBAMB como ferramenta pedagógica para ampliar a percepção crítica das crianças sobre o território urbano. As oficinas realizadas evidenciaram que, mesmo em contextos de vulnerabilidade, os estudantes reconhecem desigualdades no acesso às áreas verdes, identificam problemas estruturais e demonstram capacidade de propor soluções. A apropriação do espaço transcende a dimensão afetiva e passa a incorporar uma leitura territorializada, conectada às relações entre bairro, cidade e natureza.

Além de favorecer a leitura crítica do território, a EDURBAMB fortalece a formação cidadã, promovendo valores ligados à justiça socioambiental, à participação ativa e à corresponsabilidade com a gestão urbana. A inserção das crianças em práticas de diagnóstico, análise e proposição contribui para desenvolver senso de pertencimento e potencializa a formação de agentes transformadores no espaço social que habitam.

Conclui-se que a ampliação da EDURBAMB nas escolas públicas representa uma estratégia eficaz para reduzir desigualdades territoriais, fortalecer a resiliência climática e consolidar políticas públicas mais sensíveis à infância e ao direito à cidade. Recomenda-se que tais práticas sejam incorporadas de forma transversal ao currículo escolar, integradas aos programas nacionais de educação ambiental e articuladas a iniciativas de planejamento urbano mais inclusivo.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) - Código de Financiamento 001, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e do programa Cientista do Nosso Estado, da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Azevedo, Giselle (Org.). Diálogos escola–cidade: participação social e educação cidadã para uma infância urbana. In: Azevedo, G., Matiello, A. e Silva, R. **O habitar das infâncias e juventudes:** territorialidades em rede. 1º ed. Rio de Janeiro: Editora Paisagens Híbridas, 2024.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. **Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências.** Diário Oficial da União, Brasília, DF. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: Ministério da Educação, (1999).

BRAUBACH, Matthias; EGOROV, Andrey; MUDU, Pierpaolo; WOLF, Taryn; WARD THOMPSON, Catharine; MARTUZZI, Marco. **Effects of urban green space on environmental health, equity and resilience.** Copenhagen: World Health Organization Regional Office for Europe, 2017.

CONSELHO DE ARQUITETURA E URBANISMO DO BRASIL. **Caderno CAU Educa:** educação urbanística e ambiental. Brasília: CAU/BR, 2022.

COMPIANI, Maurício. **Educação, geociências e cidadania:** formação e prática pedagógica. Campinas: Papirus, 2015.

DAVOUDI, Simin**. Resilience:** a bridging concept or a dead end? Planning Theory and Practice, Abingdon, v. 13, n. 2, p. 299-307, 2012.

FERRARO, Luiza Helena; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. **Educação urbanística e ambiental:** rede colaborativa, corresponsabilização e função social da universidade. Projeto e Percepção do Ambiente, v. 8, n. 3, p. 57-70, 2023.

FERRARO, Luiza Helena. **Educação urbanística e ambiental:** diálogo cidade-escola. 2025. 390 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

FILIP, Irina; FILIP, Cosmin. **Theoretical foundation of the concept of architecture and the built environment education**. Ovidius University Annals of Constanta. Series Civil Engineering, v. 20, n. 1, p. 127-132, 2018.

HARVEY, David. O direito à cidade. In: HARVEY, David. **Cidades rebeldes:** do direito à cidade à revolução urbana. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 3-25.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação.** Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

INSTITUTO ALANA. **O acesso ao verde e a resiliência climática nas escolas das capitais brasileiras.** São Paulo: Instituto Alana, 2024.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE. **Climate Change 2023**: Synthesis Report. Contribution of Working Groups I, II and III to the Sixth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva: Intergovernmental Panel on Climate Change, 2023.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space.** Oxford: Blackwell, 1991.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

STERLING, Stephen. **Learning for resilience, or the resilient learner?** Towards a necessary reconciliation in a paradigm of sustainable education. Environmental Education Research, Abingdon, v. 16, n. 5-6, p. 511-528, 2010.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. **Green school quality standard:** greening every learning environment. Paris: UNESCO, 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Space and place**: the perspective of experience. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1977.